

A Humanidade é uma Invenção Rural, como o Barro e o Macaco!

**Felipe Sampaio
Em homenagem aos 40 anos da Contag*

Acabei de reler, há alguns dias, os relatórios de uma pesquisa, realizada no ano 2000, pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (IPESPE/MDA/SAF, Brasília – 2000). Há três anos atrás, ainda assessor do Ministério, encarreguei-me pessoalmente da elaboração do *briefing* para o instituto contratado, ficando, também, responsável pela análise dos resultados obtidos. Porém, esta última leitura provocou a minha curiosidade de uma maneira diferente, despertando-me para algumas possibilidades *colaterais* de reflexão, que essas informações poderiam oferecer.

Pessoas residentes nos grandes centros urbanos das cinco regiões do País, ao revelarem suas percepções a respeito do mundo rural, faziam associações com situações e imagens positivas, como qualidade de vida, natureza, tradições, liberdade, honestidade, ar puro, água limpa, solidariedade, humildade, saúde, carinho, felicidade. Seriam essas declarações apenas um lampejo nostálgico e romântico? Seriam, talvez, idealizações daquelas tão esperadas férias na serra ou na praia?

Tratava-se de uma pesquisa para identificar as percepções de consumidores urbanos a respeito dos produtos originários da agricultura familiar. Mas, observando melhor as transcrições das entrevistas, fico imaginando se não foi possível, também, registrar fragmentos mais significativos de impressões e sentimentos que as pessoas preservam, em seu íntimo, em relação a um modo de vida *pré-urbano*.

Saí tentando encontrar um *fio da meada* que me permitisse explorar melhor a questão. Então, me ocorreu que a ciência moderna nos ensina que somos descendentes de alguém, um elo perdido, semelhante aos macacos. Uma das primeiras manifestações de humanidade por parte desses nossos antepassados teriam sido os rituais funerários primitivos - se não me falha a memória, há mais de um milhão de anos atrás - que refletiam uma certa consciência de vida, eternidade e morte, que nos distingue dos outros animais. Começávamos ali, no campo, a nossa busca pela imortalidade através do culto aos nossos mortos e a forças sobrenaturais.

Mas, havia ali, também, alguma vida em grupo e a linguagem. E, ainda, os sinais rupestres, as armas e ferramentas, as superstições e outras manifestações rudimentares de nosso potencial de transformação. A espécie humana ia, aos poucos, inventando e inventando-se no seu ambiente natural - o cenário rural da pré-história.

Prosseguindo com a busca da linha de raciocínio que me levaria ao encontro daquelas respostas da pesquisa, arrisquei investir na hipótese de que a capacidade de transformação do homem serve a toda uma diversidade de propósitos e interesses, que constituem o universo racional e emocional da natureza humana. Dispomos de livre arbítrio, transformando o mundo para o bem, ou para o mal. Criando ou destruindo.

Nesse sentido, vamos supor, para simplificar, que as primeiras aglomerações de gente, há muito tempo atrás, atendiam a necessidades concretas da daquela época. Necessidades que eram de todos, como proteção, alimentação, procriação, etc. Com a evolução da sociedade, algumas dessas povoações foram amadurecendo sua função de entroncamentos comerciais, culturais, políticos e militares, consolidando-se como nós de uma rede cada vez mais ampla e complexa. Essas cidades foram, pouco a pouco, concentrando novas formas de transformar o mundo, complementares ao modo de vida rural e que não poderiam se desenvolver e consolidar de maneira sustentável nas condições rurais.

Quero crer que a capacidade humana de transformar “para o bem” tenha pensado as cidades como núcleos de ensino, pontos de trocas comerciais e culturais, centros manufatureiros, pólos de administração pública e fortificações militares. Ou seja, para o fortalecimento dos modos de vida locais e para a promoção do diálogo equilibrado entre as diferentes culturas e etnias.

Sendo assim, teria sido nossa capacidade de transformar “para o mal” que se encarregou de transformar as cidades em uma referência distorcida de prosperidade e bem-estar? Em *eldorados* do sucesso fácil? Como se criaram, afinal, tais reinos encantados, onde príncipes e princesas do consumo edificaram seus castelos da moda e do marketing? Para abastecer esses verdadeiros *parques temáticos*, natureza e gente foram trocadas por agrotóxicos e máquinas. Fugindo para a cidade, gente e natureza foram transformadas em matéria-prima. Para o bem?

Devo concordar que é mais fácil e mais barato produzir, comunicar, seduzir, distribuir, vender e dominar se estivermos todos amontoados em grandes cidades, ao invés de espalhados pelo campo, distraídos com a construção coletiva das nossas identidades locais. Basta colocar os sujeitos mais produtivos nos melhores ambientes desses centros, ministrando-lhes doses controladas de educação, conforto, informação, lazer, saúde, segurança e esperança, que é para preservá-los a empregabilidade – ou seria explorabilidade? Na periferia fica aquartelado um estoque de reserva, mantido à base de rações mal balanceadas de pão e circo, para o caso de alguma eventualidade determinada pelas “forças (sobre)naturais do mercado”.

Opa! Mas, nesse caso, como fica a crença de que “todo cidadão tem direito a viver em uma grande cidade”, difundida com a ajuda de gestores públicos *urbanólatras e populistas*? Quer dizer que a atração das pessoas pelas grandes cidades e pelo seu modo de vida pode não ser fruto de uma tendência natural do ser humano à aglomeração? Quer dizer que isso pode ser estimulado por um modelo de produção e distribuição lucrativo e concentrador, baseado na venda de ilusões sobre uma vida urbana fácil para todos? É, pode ser. Pois, ao menor sinal de prosperidade concreta no campo, as pessoas retornam de seus exílios urbanos para seus territórios de origem, invertendo os fluxos migratórios, como ocorre hoje em várias regiões da Europa.

Eureca! Então, mesmo que a ciência esteja enganada sobre a evolução humana, e que nossa gênese esteja em algum longínquo sopro sagrado sobre um montinho de barro bíblico, ainda assim, teremos nossas raízes fincadas no mundo rural, pois, até onde sabemos, não é natural encontrarmos barro ou macacos na esquina da Ipiranga com a São João.

Aquelas respostas, dadas por consumidores urbanos durante a realização da pesquisa do Ministério, em 2000, mais do que simples manifestações de simpatia pelo pitoresco, podem indicar alguma saudade biológica ou histórica. Aquelas percepções positivas a respeito do rural nos apontam bem mais do que uma simples disposição de consumir produtos típicos ou caseiros. Parecem sinalizar uma necessidade concreta de se retomarem caminhadas históricas, interrompidas abruptamente, restabelecendo-se as relações e as identidades locais - invenções e inventoras rurais da humanidade.

Atrair e manter milhões de pessoas, hipnotizadas pela mídia, em absoluto transe consumista, vivendo em reinos de concreto e néon, é como manter um *assum preto* no cativeiro - aquele pássaro nordestino criado sem gaiolas, porém com os olhos furados, *“pra ele, assim, cantar melhor”*. É olhando para o campo que nos encontramos com nossa história e podemos enxergar nossa cultura, construídas coletivamente durante anos de conflito e harmonia.

Nos processos de construção social precisamos responder à pergunta *“para quê fazer”*, antes de nos precipitarmos a responder *“o quê fazer”*. Reforma agrária, acesso a crédito, subsídios, pesquisa, assistência técnica, sistemas de certificação, não são mais que ferramentas para o desenvolvimento rural. Devemos estudar cuidadosamente, em cada pequeno território, onde começou e para onde estava levando sua caminhada histórica única, no momento em que os valores e as esperanças do lugar tiveram seu curso transposto pelo modelo de mercado-consumo de massa. Falemos primeiramente de políticas públicas de desenvolvimento rural, voltadas para a re-construção de territórios.

* **Felipe Sampaio**, 38, é consultor da Fundação Lyndolpho Silva, em Brasília, e membro gestor do Fórum de Articulação para o Comércio Ético e Solidário do Brasil – FACES do Brasil.